

Quasimodo

Na sua versão primitiva, a planta da ervilha era dotada de um gene que provocava a abertura da vagem assim que as sementes estivessem prontas para germinar. Esse mecanismo fazia com que as ervilhas caíssem no solo, assegurando a manutenção da espécie. Em cada geração, no entanto, havia um conjunto de indivíduos que, por acidente, não eram dotados da mesma informação genética. Essas degenerações da ervilha original não se reproduziam facilmente, pois as suas sementes permaneciam enclausuradas na altura crítica. Como a deficiência genética não se transmitia por via hereditária, a esmagadora maioria da população pertencia à espécie original. O Homem veio alterar essa lógica. Quando se tornou agricultor, o Homem escolheu precisamente a versão degenerada da ervilha, pois era essa a que melhor lhe permitia recolher o legume. Para a ervilha mutante, a deficiência genética deixou de ser um problema, pois o Homem encarregava-se da plantação. Hoje, a ervilha domesticada, a que prolifera nos nossos campos é a versão degenerada. A original, por não ter interesse comercial, desapareceu.

Durante a Revolução Industrial, a mariposa negra, uma degeneração da mariposa comum, proliferou em Inglaterra. Isto porque, devido à sua cor, a versão mutante se camuflava mais facilmente do a original junto das folhas das árvores, enegrecidas pela poluição.

Na natureza, cada nova geração de uma espécie produz um determinado número de indivíduos com deficiências genéticas. Por não estarem apetrechados com todos as defesas que os seus antepassados desenvolveram ao longo do tempo, os mutantes são, à partida, mais vulneráveis. Em casos excepcionais, no entanto, as sua "competências" distintivas podem revelar-se uma vantagem. Isso acontece, nomeadamente, quando o ambiente muda. Mudanças no meio ambiente podem fazer com que estratégias condenadas à partida se tornem um factor crítico de sucesso. E com que estratégias inicialmente vantajosas resultem em fracasso.

Tal como os seres vivos, as empresas adaptam-se ao meio ambiente. Em cada momento do tempo, as empresas procuram fazer o que os seus clientes lhe pagam para fazer. Ocasionalmente, ensaiam estratégias diferentes. Essas inovações comportam um risco, por não terem sido testadas dentro da organização. Se se revelarem um sucesso, são adoptadas. Quando não, são abandonadas. Se acreditarmos que as estratégias mal sucedidas resultam em falência, então devemos olhar para as empresas que sobrevivem como aquelas que fizeram as escolhas acertadas. À luz dessa ideia, afirmar que os nossos empresários são míopes e que deveriam produzir aviões em vez de bicicletas é tão ridículo como pretender que os cavalos tivessem asas

ou que os gatos deveriam saber nadar. O posicionamento de cada empresa em cada momento do tempo é o resultado de uma aprendizagem, de uma interacção entre valências específicas e um meio envolvente em constante mutação.

Como é evidente, quando o meio ambiente se altera de forma brusca, as espécies podem não ter tempo para se adaptar. Por exemplo, as rãs, uma espécie que no passado se revelou bem sucedida, estão a desaparecer em todo o Mundo. Possivelmente, não lhes está a ser dado tempo suficiente para, através do apuramento da espécie, desenvolver uma resposta adequada às alterações climáticas.

Nesta viragem de século, também as empresas portuguesas têm enfrentado alterações bruscas do meio ambiente. Por exemplo, para muitas empresas, a entrada da China na Organização Mundial do Comércio constitui um choque adverso de dimensão considerável. Esse choque torna urgente a revisão de algumas estratégias. Actividades que até aqui eram rentáveis, deixarão de o ser. Actividades que antes se revelavam menos compensadores, poderão vir a ser rentáveis. Durante o processo de ajustamento, muitas empresas vão morrer. E outras, vão nascer.

O problema é que não há certezas relativamente às estratégias correctas. Como sempre, o caminho terá de ser descoberto, por experimentação. Por isso, é importante que as empresas inovem. Que lancem versões diferentes daquilo que fazem. O mercado se encarregará depois de filtrar as respostas correctas.

Neste processo, o Estado tem um papel muito importante. Nomeadamente, deve procurar fornecer um ambiente económico e institucional favorável ao esforço e à inovação e proteger as famílias mais atingidas pela alteração estrutural. No caso português, é urgente melhorar o funcionamento da justiça, combater a burocracia e a corrupção, proteger a concorrência, flexibilizar as leis laborais, promover a formação dos recursos humanos e reforçar os mecanismos de protecção social.

Já no que toca à política industrial, é necessária muita cautela. Por um lado, o Estado não deve cair na tentação de criar ambientes económicos artificiais, como forma de preservar o emprego nos sectores em declínio. Em economia, os parques jurássicos apenas promovem a baixa produtividade e o desperdício de recursos. Por outro lado, não é óbvio que o Estado saiba indicar os novos caminhos. Se algum funcionário público tivesse certezas relativamente às oportunidades do mercado em cada momento do tempo, possivelmente guardaria o dom para si e deixaria de ser funcionário público.